

Aspectos econômicos do Brasil: o discurso do *New York Times*¹

Maria Inez Mateus Dota²

Universidade Estadual Paulista

Resumo

Consideramos que as instituições que produzem e divulgam notícias são social, econômica e politicamente situadas e, por essa razão, as notícias reproduzem visões e interesses passíveis de serem analisados de maneira crítica e reflexiva. Baseando-nos na análise crítica do discurso, principalmente nos trabalhos de Fairclough (2001), Bell e Garrett (1998) e Fowler (1991), examinamos notícias veiculadas pelo jornal *The New York Times*, em sua versão *on line*, nos meses de novembro e dezembro de 2003. Objetivamos apontar a imagem do Brasil propagada pelo jornal no cenário internacional, no que diz respeito a aspectos econômicos do país. Investigamos as estratégias discursivas utilizadas, levantando opiniões positivas e negativas sobre o Brasil e verificando as escolhas feitas nos vários níveis de produção do sentido.

Palavras-chave

Linguagem; jornalismo; análise do discurso.

1. Introdução

Este trabalho parte do pressuposto de que as representações simbólicas não retratam objetivamente a realidade, mas constroem versões desta a partir de determinadas crenças, valores ou interesses. Essa construção se dá pelas escolhas que são feitas nos vários níveis do processo de produção dos textos. Os relatos jornalísticos, como toda construção simbólica, não são isentos de condicionantes, pois a utilização da linguagem é, sem dúvida, um processo estruturante na significação. “Valores e proposições implícitas são continuamente articulados como discurso na produção de um assunto, de forma que o discurso é sempre uma representação a partir de um determinado ponto de vista” (FOWLER, 1991, p. 208).

Os acontecimentos e as idéias não são comunicados de forma neutra, em sua estrutura natural. São versões da realidade que dependem de posições sociais, interesses e objetivos daqueles que as produzem. Elas são transmitidas por algum meio com seus

¹ Trabalho apresentado à Sessão de Temas Livres.

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista, Bauru-SP; Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista, Araraquara-SP. midota@uol.com.br.

aspectos estruturais próprios, como é o caso da linguagem verbal, objeto de enfoque deste artigo. Esses aspectos da estrutura de determinada língua já estão impregnados de valores sociais que dão uma perspectiva potencial para os acontecimentos e as idéias que são apresentados na mídia. Além dos aspectos inerentes à língua em si, concordamos com Fowler (1991, p. 231) quando diz que:

...a propalada independência da imprensa é uma ilusão. Eu não estou afirmando que isso é uma nova descoberta: qualquer um que reflita sobre a posição econômica da indústria jornalística sob o capitalismo (sua dependência da publicidade em função de poderosos interesses comerciais), ou suas relações políticas com o governo (*releases*, o *lobby* da imprensa, o acesso a porta-vozes), rapidamente chegará à conclusão de que um grande jornal não pode sobreviver a não ser que se “sujeite às regras”, reproduzindo idéias estabelecidas ou, pelo menos, entrando ‘responsavelmente’ no debate em áreas de idéias estabelecidas.

No caso específico do jornal *The New York Times*, objeto de nossa análise nesta pesquisa, o jornalista e escritor Gay Talese afirma que esse periódico

nunca foi independente do governo dos EUA nem exerce um jornalismo suficientemente crítico. ... É um jornal do establishment. Sua saúde financeira, a economia do “Times”, é em grande medida baseada na economia das forças que mandam no país. As políticas do governo americano estão bastante em linha com os interesses do “New York Times” enquanto um jornal do establishment (2004 apud CARIELLO, 2004, p. 22).

Nesse sentido, a mídia (e principalmente a grande mídia) tem o poder de significação, ou seja, o poder de representar o mundo, as identidades sociais e as relações sociais de determinadas maneiras; pode também usar a significação a serviço do poder, configurando, neste caso, o uso ideológico da mídia. Assim, pode influenciar as relações de poder e ser influenciada por elas. Para Fairclough (1995, p. 14), “ideologias são proposições que geralmente figuram como suposições implícitas em textos, que contribuem para produzir ou reproduzir relações injustas de poder, relações de dominação”.

Esse autor entende que o discurso da mídia deve ser visto como o lugar de processos complexos e freqüentemente contraditórios, incluindo os processos ideológicos, mas não apenas eles naturalmente:

A ideologia não deve ser vista como uma presença constante e previsível em todo o discurso da mídia por definição. Ao contrário, deve ser um princípio de trabalho verificar qual trabalho ideológico está sendo feito, dentre as muitas questões que os analistas devem estar sempre prontos para investigar em qualquer discurso da mídia, embora eles devam esperar respostas variadas. A ideologia pode, por exemplo, ser um ponto mais saliente para alguns casos e tipos de discurso da mídia do que para outros. (FAIRCLOUGH, 1995, p. 47).

Para desvendar essas questões, o analista do discurso precisa estar atento ao estilo adotado pelos profissionais em foco, pois sua maneira de utilizar a linguagem reflete os processos sociais e econômicos de que o jornal, por exemplo, participa. “Assim, valores que já existem – idéias sobre sexo, sobre patriotismo, sobre classe, hierarquia, dinheiro, lazer, vida familiar, etc., - são reproduzidas nessa interação discursiva entre o texto do jornal e o leitor” (FOWLER, 1991, p. 47). A semântica do poder está relacionada com as divisões de poder, riqueza e privilégios entre grupos de pessoas. Desvendar as sutilezas da linguagem ao reproduzir essa hierarquia da sociedade é desmistificar o jornalista na sua “situação de árbitro”, no dizer de Bourdieu (1989, p. 55).

São muitas as estratégias discursivas adotadas por aqueles que trabalham na construção dos textos da mídia, ao lado de sua convivência com o poder. Fairclough (2001, p. 144) assim nos alerta:

Os grupos poderosos são representados como se falassem na linguagem que os próprios leitores poderiam ter usado, o que torna muito mais fácil de adotar os seus sentidos. Pode-se considerar que a mídia de notícias efetiva o trabalho ideológico de transmitir as vozes do poder em uma forma disfarçada e oculta.

Objetivando desvelar as estratégias discursivas empreendidas pelo *New York Times* na representação de aspectos econômicos do Brasil e a conseqüente imagem propagada, fundamentamos a discussão aqui empreendida nos princípios da Análise Crítica do Discurso, principalmente nos estudos de Fairclough (2001 e 1995), Bell e Garrett (1998) e Fowler (1991), nos moldes pontuados acima.

Com relação ao *corpus* utilizado, foi extraído do aludido jornal em sua versão *on line*, disponibilizado gratuitamente na internet no *site* www.nytimes.com. Essa opção se deu em função da importância e alcance dessa versão do jornal no contexto midiático e da facilidade na coleta dos textos. Para separar os artigos que atenderam à finalidade da análise, foi utilizado o sistema de busca do jornal com base na palavra *Brazil*, durante os meses de outubro e novembro de 2003. Após a extração dos textos, decidimos por analisar aqueles artigos cujo foco era o Brasil propriamente, em seus aspectos econômicos, sabendo, naturalmente, que a área econômica tangencia muitas outras, como a política e a social. Aqueles artigos que apenas citavam o Brasil foram desconsiderados, obtendo-se, dessa forma, nove artigos no período referido.

Uma vez delimitado o *corpus*, efetivamos a análise de discurso dos artigos coletados, no que diz respeito à linguagem verbal, levando-se em consideração as escolhas

lexicais, o implícito, a argumentação, a modalidade, a minimização ou saliência de determinados aspectos do tema abordado, a metáfora, a ironia, a intertextualidade – “como um texto incorpora partes de outros textos” - e a interdiscursividade – “como o discurso da mídia de jornais é constituído por meio da articulação particular de tipos de discurso e processos particulares de tradução entre eles” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 147). Partimos das marcas lingüísticas para investigar como estas compõem o discurso, estabelecendo relações da língua com sua exterioridade.

2. Análise textual

Procederemos à análise, dividindo os aspetos econômicos nas várias temáticas abordadas pelo *New York Times*, quais sejam, a relação do Brasil com o FMI, o crescimento do país, o andamento de algumas empresas, a reforma da previdência e questões da agricultura e da indústria brasileira.

Com relação ao primeiro item, o jornal publicou dois artigos sobre o reescalonamento da dívida do Brasil com o FMI. Nesses textos, os aspectos positivos da economia brasileira são trazidos à tona em meio a problemas (predominantes) enfrentados pelo país. A abertura do primeiro artigo já coloca o Brasil numa situação contraditória:

(1) *Confident* it has stabilized Brazil's economy, the country's left-leaning government said this week that its 12-month *extension of a standby agreement* with the International Monetary Fund signals an end to *years of dependence on I.M.F. bailouts*. (*Confiante* de que estabilizou a economia do Brasil, o governo de esquerda do país disse, nesta semana, que seu *reescalonamento de 12 meses de um acordo reserva* com o Fundo Monetário Internacional sinaliza o fim de *anos de dependência dos socorros do FMI*. – Trecho extraído do artigo *Brazil Eases Its Dependence on I.M.F./Brasil Alivia Sua Dependência do FMI*, 7/11/2003.)

Se observarmos os grifos acima, perceberemos que o sujeito enunciador usa da ironia para apontar, sutilmente, a difícil situação em que o Brasil se encontra com relação à sua dívida com o FMI: como pode o país estar “confiante” se precisou solicitar um reescalonamento da dívida para fazer frente aos seus compromissos com o FMI?

No trecho (2), abaixo, o enunciador traz para o texto o discurso coloquial, conforme a construção assinalada “para tapar buracos”; esse interdiscurso com a linguagem do

cotidiano objetiva aproximar a argumentação - apresentada pelo jornal - do leitor comum que precisa ser convencido de que, embora o governo brasileiro tenha obtido moeda forte com o aumento das exportações, ainda precisa fazer a economia crescer sem desestabilizar suas contas. Esse recurso configura a estratégia discursiva para atingir o leitor, já apontada acima neste texto, visando chegar até o público pelo caminho de seu próprio registro lingüístico. Observemos o texto:

(2) Confounding market fears of just a year ago that he would lead Brazil into a free-spending dash for growth, President Luiz Inácio Lula da Silva and his pragmatic economic team have succeeded in reining in inflation and public spending. Though Brazil has increases exports to earn much-needed hard currency *to plug holes* in the current account, the government still faces the daunting task of getting the economy growing again without upsetting the country's delicately balanced accounts. (Confundindo os temores do Mercado de apenas um ano atrás de que ele levaria o Brasil a um ímpeto de grandes e desenfreados gastos pelo crescimento, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e sua pragmática equipe econômica foram bem sucedidos em controlar a inflação e os gastos públicos. Embora o Brasil tenha aumentado as exportações para obter a tão necessária moeda forte *para tapar buracos* na conta corrente, o governo ainda enfrenta a atemorizadora tarefa de fazer a economia crescer novamente sem transtornar as contas fragilmente equilibradas. - Ibid.)

A argumentação do sujeito enunciador em direção à fragilidade da economia brasileira fá-lo trazer, intertextualmente, a posição contrária do Ministro da Fazenda, Antonio Palocci, em (3). O recurso ao discurso indireto insere no contexto o verbo *dicendi* "insistiu", mostrando que a recuperação da economia, com crescimento sustentável, trata-se de um posicionamento do ministro, um tanto forçado, entretanto. As aspas utilizadas em "reais e efetivos" introduzem novamente a ironia e corroboram a discordância do jornalista:

(3) But Mr. Palocci *insisted* there were now "*real and effective*" signs that the next economic recovery would be on the back of sustainable growth. (Mas Palocci *insistiu* que agora havia sinais "*reais e efetivos*" de que a próxima recuperação da economia seria baseada no crescimento sustentável. - Ibid.)

Um outro aspecto positivo da economia do Brasil - o sucesso na política macro-econômica - é introduzido, em (4), na fala de um outro locutor, um diretor de empresa em Nova York, uma vez que o jornalista não quer se comprometer com essa análise.

Imediatamente após, a visão do empresário é rebatida pelo jornalista que traz para seu texto o discurso médico, com o adjetivo “anêmico”. Esse recurso visa não só enfraquecer as possíveis conquistas no campo econômico, mas também validá-lo com uma apreciação importada da medicina, área convencionalmente respeitada na mídia. Confirmamos o aspecto positivo e os vários aspectos negativos nos grifos abaixo:

(4) “Generally, there is a feeling *the Lula government has been very successful in macroeconomic policy,*” he said. “Basically, they have made few mistakes and surpass everybody’s expectations.”

But the success has not been without pain. The economy, *anemic* since 1998, is expected to grow just 1.1 percent this year. *Spiraling inflation forced Mr. da Silva to increase interest rates to 26 percent early this year, decimating business and consumer confidence. Industrial output has slumped: the jobless rate has soared to 13 percent nationwide and is over 20 percent in São Paulo, the country’s economic heart.* (“Geralmente, há uma sensação de que *o governo Lula tem tido muito sucesso na política macro-econômica,*” ele disse. “Basicamente, eles fizeram poucos erros e superaram as expectativas de todos.” Mas o sucesso não ocorreu sem dor. Espera-se que a economia, anêmica desde 1998, cresça apenas 1.1 por cento neste ano. *A inflação crescente forçou Silva a aumentar as taxas de juros para 26 por cento no começo deste ano, dizimando o comércio e a confiança do consumidor. A produção da indústria despencou: a taxa de desemprego elevou-se para 13 por cento em geral e está acima de 20 por cento em São Paulo, o coração financeiro do país.* – Ibid.)

Com relação ao segundo artigo sobre a relação do Brasil com o FMI, cabe ressaltarmos dois aspectos: a ênfase na concessão feita por esse fundo monetário e na posição de beneficiário do Brasil; e os inúmeros elogios feitos à condução da política econômica do governo Lula. Para instalar a relação concessor-receptor, o sujeito enunciador introduz no título do artigo o verbo “concorda”, indicando a posição concedente e favorável do FMI:

(5) I.M.F. *Agrees to Extend Brazil’s Credit Deal* (FMI *Concorda* em Extender o Acordo de Crédito para o Brasil, 15/12/2003).

As escolhas lexicais “recebeu” e “foi concedida”, em (6), destacam a posição de beneficiário do Brasil e, implicitamente, mostram o FMI como o órgão financeiro mundial que está sempre pronto para “socorrer” os países em dificuldade:

(6) Brazil *received* a 15-month extension of its \$34 billion loan agreement with the International Monetary Fund, along with \$6.6 billion in new funding, the IMF said Monday.

Brazil *was granted* an emergency credit line by the IMF last year, when investor confidence flagged in the runup to the presidential elections and it seemed all but certain President Luiz Inácio da Silva would take office. (O Brasil *recebeu* uma prorrogação de 15 meses em seu contrato de empréstimo de 34 bilhões de dólares com o Fundo Monetário Internacional, juntamente com 6,6 bilhões em novo financiamento, o FMI disse segunda-feira. *Foi concedida* uma linha de crédito emergencial ao Brasil no ano passado, quando a confiança do investidor foi sinalizada na corrida para as eleições presidenciais e pareceu mais do que certo que o presidente Luiz Inácio da Silva ocuparia o cargo. – Ibid.)

As avaliações positivas para a economia brasileira, presentes no artigo, justificam a atitude tomada pelo FMI ao conceder o empréstimo. A argumentação do sujeito enunciador indica (ao mercado financeiro internacional) que o Brasil está no caminho certo e merece confiança dos investidores estrangeiros, que o texto parece querer atrair. Atentemos para os argumentos destacados em (7) e (8):

(7) “*The response of the new administration to financial pressures has been both ambitious and courageous, balancing fiscal and monetary policy discipline with the resolute pursuit of key social goals to relieve poverty and strengthen the social safety net,*” IMF managing Director Horst Koehler said. (“*A resposta da nova administração às pressões financeiras tem sido tanto ambiciosa como corajosa, equilibrando a disciplina da política fiscal e monetária com a resoluta busca de objetivos sociais chave para aliviar a pobreza e fortalecer a rede de segurança social,*” o diretor gerente do FMI Horst Koehler disse. – Ibid.)

(8) The economy is expected to grow less than 1 percent this year, but *experts predict it will expand 3.5 percent next year.* (Espera-se que a economia cresça 1 por cento neste ano, mas os especialistas prevêm que ela expandirá 3,5 por cento no próximo ano. - Ibid.)

Observamos que, após a concessão do empréstimo, o *New York Times* adota uma postura bem mais favorável ao Brasil do que no decorrer das negociações, conforme o artigo anteriormente analisado. Quando fala do crescimento da economia no trecho (4) acima, o sujeito enunciador agrega ao “anêmico” 1,1 por cento diversos fatores negativos do Brasil. No trecho (8), entretanto, o texto favorece a posição do Brasil apontando que, embora a projeção de crescimento seja pequena para este ano, os especialistas – aqueles que realmente entendem da matéria – estimam 3,5 para 2005. Nesse caso, o enunciador atribui a um grupo que goza de prestígio no contexto midiático, os especialistas em economia, um argumento que ele próprio quer validar.

O segundo tema focado pelo jornal é o crescimento econômico em si mesmo, abordado em dois artigos e de cunho bastante desfavorável ao Brasil. As escolhas lexicais “arrastou-se”, “recessão” e “recuperação anêmica” são ironicamente contrastadas com “o crescimento espetacular” (introduzido, por essa razão entre aspas), prometido para o ano de 2003 pelo presidente Lula. Esse recurso, além de argumentar pelo lento crescimento da economia brasileira, desprestigia a pessoa do presidente que fez promessas que não pôde cumprir, conforme observamos nos grifos em (9) abaixo:

(9) Brazil has *dragged* itself out of *recession*, posting 0.4 percent growth in the third quarter over the previous three-month period, according to data released on Wednesday. But the *anemic recovery* is still a far cry from the “*spectacular growth*” promised for this year by President Luiz Inácio Lula da Silva. (O Brasil se *arrastou* de uma *recessão*, divulgando 0,4 por cento com referência ao período anterior de três meses, de acordo com dados divulgados na quarta-feira. Mas a *recuperação anêmica* é ainda um contraste gritante em relação ao “*crescimento espetacular*” prometido para este ano pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. - *Brazil Posts Growth, but Is Short of Goal*/Brasil Divulga Crescimento, Mas Tem Meta Insuficiente, 27/11/2003.)

Em (10), essa argumentação é reiterada pelos números apresentados e, intertextualmente, pelo posicionamento de autoridades – “a maioria dos economistas” – que se mostram “desapontados com os números” da economia do país. Dessa forma, o jornalista atenua sua responsabilidade e transfere para especialistas uma apreciação que também é sua:

(10) While São Paulo's Bovespa stock index, fueled by hopes of an economic turnaround, hit a record of more than 20,000 points early Wednesday, *most economists*, who had been predicting third-quarter growth of 1 percent to 3 percent, were *disappointed by the figures*. Not only was quarter-on-quarter growth feeble, but the economy shrank by 1.5 percent compared with the period in 2002. (Enquanto a Bolsa de Valores de São Paulo, impulsionada pelas esperanças de uma virada na economia, atingiu um recorde de mais de 20 000 pontos, pela manhã na quarta-feira, *a maioria dos economistas*, que vinha prevendo um crescimento de 1 a 3 por cento para o terceiro trimestre, ficou *desapontada com os números*. Não somente foi fraco o crescimento trimestre após trimestre, mas a economia encolheu perto de 1,5 por cento, comparada com o mesmo período em 2002. – Ibid.)

Quando aspectos positivos da economia brasileira são trazidos ao texto, estes são ligados a uma condicionante (as reformas) ou se apresentam na forma de previsão, uma estratégia utilizada pelo sujeito enunciador para retratar a fragilidade da economia do Brasil, como ressaltamos em (11) e (12) abaixo:

(11) Nevertheless, most analysts agreed that *the economy seems to have turned a corner* and expected faster growth ahead, *especially if Mr. da Silva can push through meaningful reforms*, like the bankruptcy laws to make it easier for banks to seize collateral on bad loans. (Contudo, a maioria dos analistas concordou que *a economia parece ter virado uma página* e espera um crescimento mais rápido para frente, *especialmente se Silva puder passar reformas significativas*, como a alteração das leis de falência para tornar mais fácil para os bancos pegar penhor em empréstimos mal sucedidos. – Ibid.)

(12) For next year, *Mr. Meirelles is more optimistic, predicting 3 percent growth*. (Para o próximo ano, *Meirelles está mais otimista, prevendo 3 por cento de crescimento*. – Ibid.)

Num outro artigo que também menciona a alta na Bolsa de Valores de São Paulo, verbos no futuro do presente são introduzidos para marcar uma possibilidade de melhora na economia brasileira. Esse tempo verbal marca a modalidade epistêmica – um recurso do sujeito enunciador para instaurar a dúvida com relação às proposições que constrói, pois embora haja uma predictibilidade, não há uma certeza sobre as condições futuras da economia, como exemplificamos em (13) e (14) a seguir:

(13) An expected acceleration of economic growth *will help* the Bovespa gain up to another 30 percent in the coming months, the bank [ABN Amro] predicted. (Uma aceleração

esperada no crescimento da economia *ajudará* a Bovespa a ganhar até 30 por cento nos próximos meses, o banco [ABN Amro] previu. – *Brazilian Stocks Close at Record Level/Bolsa de Valores Brasileira Fecha em Nível Recorde*, 28/11/2003.)

(14) Penteadó [do banco ABN Amro] reckons Brazil's economy *will expand* by 0.5 percent for the full year, but expects growth to be 3.8 percent next year. (Penteadó [do banco ABN Amro] calcula que a economia do Brasil *expandirá* 0,5 por cento durante o ano todo, mas espera que o crescimento seja de 3,8 por cento no próximo ano. – Ibid.)

Sobre o andamento de empresas brasileiras, o *New York Times* noticia a substituição de um executivo da Volkswagen, indica sua posição em relação às outras montadoras e aponta suas metas. Associados a esses dados factuais, o jornal aproveita o ensejo para trazer à baila aspectos negativos da economia brasileira: a alta dos juros e a conseqüente recessão em (15) e o desemprego em (16), argumentos que podemos conferir nos grifos abaixo:

(15) And its sales in Latin America's largest country slumped significantly as *interest rates hit sky-high levels and the Brazilian company slipped into a recession* during the first two quarters. (E suas vendas no maior país da América do Sul caíram significativamente à medida que *as taxas de juros atingiram níveis estratosféricos e a economia brasileira entrou numa recessão* durante os primeiros dois trimestres. – *Volkswagen Replaces Brazil Division Head/Volkswagen Substitui o Diretor da Divisão Brasileira*, 25/11/2003.)

(16) Volkswagen's third-quarter profits were cut in half in part because of a euro 120 million (\$140 million) restructuring charge to pay for costs associated with *the Brazilian job cuts*. (Os lucros da Volkswagen no terceiro trimestre foram cortados ao meio em parte por causa de uma despesa de reestruturação de 120 milhões de euros (140 milhões de dólares) para pagar custos juntamente com *o corte de empregos no Brasil*. – Ibid.)

A Eletropaulo, distribuidora de energia brasileira de propriedade da empresa americana *AES Corp.*, é mostrada, em outro artigo, numa situação de inadimplência com relação às suas dívidas e na tentativa de renegociá-las. As escolhas lexicais “deixou de fazer”, “dívida”, “tentando resolver” e “elegível para um empréstimo” em (17) são trazidas ao texto para marcar as dificuldades da empresa:

(17) Eletropaulo, Latin America's biggest power distributor, *misses* three \$25 million *debt* payments to a pool of about 30 banks this year and has been trying to renegotiate its obligations since September.

The company is *trying to clinch* this deal in order to be *eligible for a loan* from Brazilian development bank BNDES, which requires applicants to renegotiate short-term debt. (A Eletropaulo, a maior distribuidora de energia da América Latina, *deixou de fazer* três pagamentos da *dívida* de 25 milhões de dólares para um grupo de aproximadamente 30 bancos neste ano e está tentando renegociar suas obrigações desde setembro. A empresa está *tentando resolver* o acordo a fim de se *tornar elegível* para um empréstimo do banco de desenvolvimento brasileiro, BNDES, o qual exige que os solicitantes renegociem dívida de curto prazo. – *Most Accept AES’ Brazil Debt Proposal/A Maioria Aceita Porposta de Dívida do Brasil da AES, 23/12/2003.*)

A reforma da previdência é enfocada num pequeno texto inserido num *briefing* sobre as Américas. Ao noticiar a aprovação da reforma pelo Senado do Brasil, o sujeito enunciador usa as mesmas estratégias apontadas no artigo acima; introduz, em meio aos fatos, aspectos negativos da economia brasileira, ou seja, o déficit orçamentário e uma dívida de 400 bilhões de dólares – a maior dentre os países em desenvolvimento. Nesse último caso, o uso do superlativo coloca em destaque a situação desfavorável da economia brasileira. Observemos esses pontos em (18) e (19) abaixo:

(18) Brazil’s Senate gave final congressional approval to President Luiz Inácio Lula da Silva’s legislation curbing public employees’ pensions, a measure that he has called critical to narrowing *the country’s budget deficit*. (O Senado do Brasil deu aprovação final para a legislação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, restringindo as pensões de funcionários públicos, uma medida que ele chamou de crítica para diminuir o *déficit orçamentário do país*. – *Briefing, 13/12/2003.*)

(19) Mr. da Silva had said pension cuts would be critical to bolster confidence in Brazil’s ability to pay *its \$400 billion in debt*, which is *the largest among the world’s developing economies*. (Silva tinha dito que os cortes nas pensões seriam críticos para sustentar a confiança do investidor na habilidade do Brasil de pagar *sua dívida de 400 bilhões de dólares*, que é *a maior dentre as economias em desenvolvimento no mundo*. – *Ibid.*)

Com respeito à agricultura brasileira - área muito produtiva na economia atualmente -, o *New York Times* enfoca, em um dos artigos, a explosão do plantio de soja em região Amazônica, mostrando, ao mesmo tempo, os problemas trazidos pelo aumento dessa cultura - o desmatamento da floresta tropical e a poluição dos rios. De um lado, o jornal

destaca a pujança do cultivo da soja no Brasil e, de outro, opiniões divergentes sobre suas conseqüências desastrosas. Confirmamos esses posicionamentos em trecho introdutório do artigo:

(20) A new variety of soybean developed by Brazilian scientists to flourish in this punishing equatorial climate is good for farmers, *putting South America's biggest country on the verge of supplanting the United States as the world's leading exporter.*

But, to the horror of environmental activists, *soybeans are claiming increasingly bigger swaths of rainforest* to make way for plantations, adding to the inroads by ranching. The Amazon lost some 10,000 square miles of forest cover last year alone – 40 percent more than the year before. (Uma nova variedade de soja desenvolvida por cientistas brasileiros a florescer neste fatigante clima equatorial é boa para os fazendeiros, *colocando o maior país da América do Sul à beira de suplantar os Estados Unidos como o principal exportador do mundo.* Mas, para o horror dos ambientalistas, *a soja está exigindo trechos cada vez maiores de floresta tropical* para fazer suas plantações, ao lado das invasões da pecuária. A Amazônia perdeu cerca de 10 000 milhas quadradas de cobertura florestal só no último ano – 40 por cento mais que no ano anterior. – *Groups Clash over Soybean Boom in Brazil/Grupos Conflitam sobre a Explosão da Soja no Brasil, 18/12/2003.*)

Para ressaltar a gravidade da situação, o enunciador cita a proximidade das plantações ao Parque Nacional do Xingu, uma reserva ecológica que abriga muitas tribos indígenas:

(21) *The front line of the soybean advance is in Querencia, a municipality of nearly 6,800 square miles that includes the Xingu National Park – a near pristine slice of rainforest where 14 Indian tribes live in much the way they have for thousands of years. (A linha de frente do avanço da soja está em Querência, um município de aproximadamente 6 800 milhas quadradas que inclui o Parque Nacional do Xingu – uma parte quase primitiva da floresta tropical, onde 14 tribos indígenas vivem quase da mesma maneira que viviam há milhares de anos. – Ibid.)*

Um outro recurso discursivo, para apontar o avanço da devastação da Amazônia, são os números que crescem rapidamente a cada ano e têm impacto sobre o leitor:

(22)“Across the state, *deforestation increased by 30 percent between 2001 and 2002...*”
(No estado, *o desmatamento aumentou 30 por cento entre 2001 e 2002.* – Ibid.)

Os argumentos apresentados são conflitantes, como o próprio título do artigo sugere. De um lado, ambientalistas tentando impedir o avanço da soja, como em (23); do outro, produtores defendendo, implicitamente, sua expansão, conforme (24), quando dizem que essa cultura não é prejudicial:

(23) Critics say that if left unchecked, *soybean cultivation will eventually eat up large swaths of rainforest and wreck the environment*. (Os críticos dizem que se deixar como está, *o cultivo da soja acabará por abocanhar um grande trecho da floresta tropical e degradará o meio-ambiente*. – Ibid.)

(24) Gov. Blairo Maggi of Mato Grosso state, who also is *one of the world's largest soybean producers*, says *those fears are unfounded*. He argues damage can be kept to a minimum if the state's strict environmental rules are followed and he accuses environmental groups of stirring unnecessary worry. (O governador Blairo Maggi do estado de Mato Grosso, que é *um dos maiores produtores de soja do mundo*, diz que *esses temores são infundados*. Ele argumenta que o dano pode ser mínimo se as rígidas leis ambientais do estado forem seguidas e acusa os grupos ambientalistas de suscitar preocupações desnecessárias. – Ibid.)

Algumas observações do próprio sujeito enunciador apontam que a situação enfocada não é tão preocupante. Os argumentos trazidos são a rigorosa legislação ambiental, o avançado sistema de monitoramento (25) e a falta de evidência com relação ao desmatamento da floresta (26). Entretanto, a construção “críticos questionam se...”, em (25), coloca em dúvida o cumprimento das leis quanto a essa questão:

(25) The state does have strict environmental regulations as well as Brazil's most advanced system for monitoring and preventing Amazon destruction, but *critics question whether they will be enforced*. (O estado tem leis ambientais rigorosas bem como o mais avançado sistema de monitoramento e prevenção de destruição da Amazônia do Brasil, mas *os críticos questionam se elas serão cumpridas*. - Ibid.)

(26) *There's no evidence that deforestation is drying up the Xingu River or that pesticides have killed a single fish*, but the Indians say the soybean boom is just starting and they want to protect themselves before it's too late. (*Não há evidência de que desmatamento esteja secando o Rio Xingu ou que pesticidas tenham matado um único peixe*, mas os índios

dizem que a explosão da soja está apenas começando e que eles querem proteger-se antes que seja tarde. – Ibid.)

Ainda no tocante à agricultura, bem como à indústria brasileira, o *New York Times* aborda a difícil situação no setor do café.. As escolhas lexicais “demanda em queda”, “excesso de produção” e “preços em colapso”, em (27), dão o tom da imagem dessa produção no Brasil:

(27) With coffee prices at a 30-year low, the industry is facing perhaps the worst crisis in its history, trapped in a vicious circle of *falling demand, surplus production and collapsing prices*. (Com os preços em queda há 30 anos, a indústria está enfrentando talvez a pior crise de sua história, presa num círculo vicioso de *demanda em queda, excesso de produção e preços em colapso*. - *Difficult Times for Coffee Industry as Demand Falls/Tempos Difíceis para a Indústria Cafeeira por Causa da Queda na Demanda*, 25/11/2003.)

Ao lado dos problemas acima apontados, o sujeito enunciator acrescenta a questão do desemprego gerada por esse setor (conforme 28), um aspecto negativo do Brasil já levantado pelo jornal em (4):

(28) *Large farms in Brazil*, the world's largest producer where the industry employs 3 million people, *have slashed the work force by as much as 90 percent* through mechanization. Several small- and medium-sized cooperatives, which cannot afford to buy machinery because prices are so depressed, are on the brink of bankruptcy. (*Grandes fazendas no Brasil*, o maior produtor do mundo onde a indústria emprega 3 milhões de pessoas, *reduziram a força de trabalho em 90 por cento* pela mecanização. Diversas cooperativas de pequeno e médio porte, que não agüentam comprar maquinário porque os preços do produto estão tão depreciados, estão na iminência de uma falência. - Ibid.)

Para descrever a situação do café de maneira catastrófica, o sujeito enunciator usa de uma metáfora, comparando a economia nesse setor a uma bomba que está para explodir. Trata-se de uma imagem muito forte, utilizada com o intuito de mostrar a grande dificuldade por que passa a agricultura/indústria desse setor, e estrategicamente empregada, uma vez que é trazida ao texto, intertextualmente, na voz de um especialista – um produtor de café. Esse recurso recupera também o discurso do terrorismo, no qual uma bomba pode explodir a qualquer momento, e visa, assim, construir o cenário de dificuldade e insegurança desse setor econômico, conforme observamos em (29) abaixo:

(29)“Farmers need volume or price to survive, and today they have neither,” Mr. Paschoal said. “*The fuse is lit, but the time bomb has yet to explode.*” (Os fazendeiros precisam de quantidade ou preço para sobreviver, e hoje eles não têm nenhum dos dois,” Paschoal disse. “*O estopim está aceso, mas a bomba-relógio ainda tem que explodir.*” – Ibid.)

3. Considerações finais

Revedo os textos analisados e os enfoques dados pelo *New York Times* no tocante a aspectos econômicos do Brasil, concluímos que esse jornal construiu, na maioria das vezes, uma imagem negativa do Brasil, no período analisado. Os recursos discursivos empregados, principalmente as escolhas lexicais e a argumentação, são direcionados para aspectos desfavoráveis da economia brasileira, produzindo um cenário de dívidas, crescimento incipiente, descontrole na utilização do solo e dificuldade na comercialização do café.

A análise empreendida nos permite ler o discurso nas suas entrelinhas, trazendo a intertextualidade e a interdiscursividade para a construção do significado e mostrando-nos que tanto a mídia como a linguagem não devem ser vistas como fenômenos naturais, mas como construções sociais da realidade. Nesse sentido, entendemos com Scannell que “a tarefa educativa dos estudos da mídia é desconstruir a mídia e a linguagem: alertar estudantes [e leitores] para seus perigos, seus deslizamentos, suas ilusões” (1998 apud BELL e GARRETT, 1998, p. 257).

Referências bibliográficas

BELL, A.; Garrett, P. **Approaches to media discourse**. Oxford: Blackwell, 1998.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

CARIELLO, R. “Times” não é independente, diz Talese. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 6 jun. 2004. Mundo, p. 22.

FAIRCLOUGH, N. **Media discourse**. London: Edward Arnold, 1995.

_____. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FOWLER, R. **Language in the news**. London: Routledge, 1991.